

---

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi pensado como uma proposta educacional estruturada em elementos filosóficos, pedagógicos e metodológicos a fim de orientar educadores e pais a respeito da maravilhosa arte de educar as crianças pequenas, especificamente na faixa etária de 0 a 3 anos de idade.

Justamente por isso optei por uma linguagem simples, trazendo situações vivenciais que ilustram, sobretudo, as diretrizes metodológicas, mas ao mesmo tempo com argumentos bem fundamentados que constituem uma sólida estrutura teórica.

O foco nos 3 primeiros anos de vida não é de forma alguma aleatório. É a fase que representa um período lapidar e decisivo para a formação do ser humano, de modo que tem se tornado objeto de estudos de muitos pesquisadores das mais diversas áreas.

Desde pedagogos e pediatras, até neurocientistas, analistas sociais e economistas, o interesse pelo tema tem se mostrado crescente, uma vez que os efeitos da educação infantil serão colhidos mais tarde por todas as pessoas, em suas

ROGER HANSEN

relações com elas próprias e também interpessoais, bem como gerará influências em todas as áreas de desenvolvimento de uma sociedade.

Nos primeiros 3 anos de vida de um ser humano existe um caudal de potencial imenso, aguardando por uma expressão saudável, harmônica, adequada. Pode ser visto como o momento em que a vida apresenta sua maior plasticidade, de forma que as transformações pelas quais ele passa nesse período são sem igual quando comparadas com momentos posteriores.

Entre 0 e 3 anos uma criança aprende a andar, pensar e falar. Isso representa tantas mudanças que, ao final de uma reflexão séria sobre o tema, temos a nítida impressão de que estamos diante de um verdadeiro milagre da natureza.

Hoje podemos provar, comprovar e estudar todo o desenvolvimento da vida humana em seu início de uma maneira tão minuciosa como talvez jamais tenha sido possível na história, pois o progresso das ciências modernas, como a neurociência, e sua associação com tecnologias de ponta permite que as análises se tornem verdadeiros espetáculos.

Porém, impressiona constatar que paradoxalmente tenhamos avançado tão pouco no que se refere ao desenvolvimento da educação e da pedagogia, sobretudo na fase dos 3 primeiros anos de vida.

Quando utilizo a palavra “avançar” não me refiro a um processo de fazer surgir propostas e técnicas simplesmente novas ou inovadoras. Considero, sim, o avanço em termos de clareza de ideias, de sensibilidade e embasamento necessários, de profundidade e coerência nas propostas e cursos de formação de professores, de legislação da educação infantil

não só nos mais distintos lugares do Brasil, mas também em muitos outros países do mundo, inclusive os considerados mais avançados.

Hoje nos deparamos com o fato de que dificilmente um educador se forma em um curso universitário com condições plenas de atuar como professor de uma turma de educação infantil. Para algumas pessoas e autoridades, a responsabilidade não é das universidades. E poderíamos aceitar essa resposta, desde que alguém mencionasse, então, de quem é a responsabilidade! Por isso sejamos mais claros ao expor a pergunta: quem está formando nossos educadores para que saibam atuar com as crianças pequenas?

Questões como essa permanecem não apenas sem resposta, mas com respostas confusas, que dificultam ainda mais a solução. Não é meu objetivo aqui desenvolver uma crítica nefasta da sociedade, das universidades, dos governos, pois não tenho certeza se seria uma verdadeira contribuição. O que me preocupa como educador é o presente e o futuro das nossas crianças e, conseqüentemente, da nossa grande família humana.

Quando me deparei com o cenário da educação infantil e passei a nele atuar como professor universitário e coordenador de estágios supervisionados em creches e pré-escolas e, posteriormente, como coordenador pedagógico e diretor escolar, logo percebi as dificuldades imensas que teria para desenvolver um bom trabalho.

Nessa época eu ainda era bastante jovem e teria sido mais fácil mudar de área, de carreira, de vida. Mas, quando certa vez tomei a decisão de ir embora e nunca mais atuar na

ROGER HANSEN

educação infantil, lembro que estava saindo da escola onde atuava pensando que nunca mais voltaria àquele lugar. Nesse momento ocorreu a coincidência (ou não) de me deparar com uma criança de quem eu gostava muito e ela de mim, pois eu havia orientado a solução de sérios problemas que com ela ocorriam. Ela me olhou com grande intensidade no fundo dos olhos e, sem que eu tivesse lhe contado nada sobre minha decisão, disse: “Por que você vai embora?”

O episódio para mim soou como uma mensagem do meu destino. Soube naquele instante que teria escolhido um caminho mais fácil se tivesse seguido adiante por aquele corredor, mas teria que conviver com um sentimento de covardia para o resto de minha vida. Eu sabia que tinha algo a fazer pelas crianças pequenas, não como uma possibilidade de trabalho, mas como um dever, um compromisso com as crianças, com os seres humanos, com o mundo.

Este livro começou a ser escrito a partir desse dia. Pois desde lá construímos o Colégio Florença e sua maravilhosa pedagogia. Saímos de uma pequena casa com paredes repletas de cupins para um ambiente encantador, onde as crianças podem encontrar um lugar para viver com seu próprio ritmo. São respeitadas, amadas e educadas.

Por isso, nas páginas que seguem, você leitor irá encontrar a história não de uma vida, mas de muitas vidas. Meus exemplos não foram imaginados, mas, sim, vividos intensamente. As teorias que exponho foram refletidas desde uma intensa prática pedagógica, em conjunto com dedicados educadores, pais e crianças que têm me acompanhado nesse caminho.

Teríamos muito mais a escrever, mas aqui pretendo expor nossos princípios essenciais e como eles se aplicam em termos metodológicos. Como mencionei no início desta introdução, desejo profundamente que tanto educadores como pais, mesmo que leigos em educação infantil, possam compreender esses princípios e, em alguma medida, interiorizá-los e aplicá-los.

Se ocorrer como imagino, não considero ingenuamente que teremos a solução para todos os problemas da educação infantil, mas acredito, sim, que poderemos, juntos, plantar algumas sementes e que essas sementes um dia serão árvores. Dessa forma, em algum momento, cada ser humano poderá ser mais verdadeiro para si mesmo, e a nossa sociedade poderá então se tornar um lugar melhor para nossas crianças.

— |

| —

— |

| —

---

## 1. A PEDAGOGIA FLORENÇA

O título deste tópico poderia talvez ser substituído por outro mais usual. Algo que remetesse a uma resposta à pergunta: “O que fazemos com nossas crianças?”. Essa é uma das questões mais comuns quando os pais procuram uma escola para os filhos.

Querem saber quais são as atividades pedagógicas, o programa educacional organizado com tarefas, exercícios, estímulos que são conduzidos dentro de certo período de tempo para ensinar às crianças aquilo que supostamente precisam aprender.

Tal postura reflete toda uma concepção educacional instalada no ocidente a partir do século XVIII, basicamente ativista e fundamentada na racionalidade utilitarista, que é própria do momento histórico que tem suas raízes nesse período e que floresce vivamente em nossos dias. Trata-se basicamente de uma proposta de transmitir conteúdos, por mais simplificados que sejam, para o nível da educação infantil, de forma que o ser humano os absorva e pouco a pouco se torne capaz de desempenhar tarefas com base nesses aprendizados.

ROGER HANSEN

Podemos tomar como exemplo a cena, comum em muitas instituições de educação infantil, da criança pequena que é logo apresentada a materiais de pintura e conduzida a fazer seus primeiros rabiscos com giz de cera ou tinta. Supostamente ela estará educando suas habilidades para expressar-se bem e cada vez melhor na medida em que cresce, com estímulos constantes e progressivos, que pouco a pouco lhe permitirão um desempenho melhor.

Porém, as nossas perguntas na Pedagogia Florença são: “Quem é essa criança que se expressa? Quem é esse Ser? E o que está expressando?”. Sobre o Ser não temos respostas, porque também não temos perguntas. Trata-se de uma questão que não está colocada hoje pela pedagogia, de forma geral. Contudo, sobre o que o Ser expressa, aí temos uma expectativa mais clara: queremos ver o retorno do que plantamos ao longo do tempo. Em outras palavras, investimos a criança de conteúdos, e estes deverão ser mais tarde reproduzidos por ela.

Se observarmos com cuidado, perceberemos que caminhamos no sentido de uma programação da criança. E dessa forma seguimos com tantas outras lições: estimulamos seu corpo para que se ponha em pé e logo caminhe; depois, para que coordene seus braços e suas mãos para escrever, e assim por diante.

Quanto mais rápido esses processos acontecem, mais cedo irá caminhar, mais rapidamente escreverá, e o quanto antes possível será alfabetizada e aprenderá os conteúdos do nosso contexto socioeducacional: matemática, idioma local, idiomas estrangeiros, disciplinas, tais como história e geografia e outras mais.



De modo geral, não queremos tanto que domine uma cultura do mundo, mas que seja capaz de responder a questões específicas das matérias antes referenciadas para ingressar no ensino superior e, uma vez obtida sua formação acadêmica, que possa ter um *status* social adequado e, claro, um emprego que lhe possibilite o mínimo de subsistência básica e talvez um destaque econômico e material.

Esse é o caminho a ser seguido, e qualquer coisa que desvie a criança dele é vista como subversiva, estranha, alternativa demais. As pedagogias que fogem a esse padrão são todas linhas de trabalho que causam medo, porque significam sair do que está colocado socialmente não como lei, mas como norma social.

Transgredir uma norma não nos leva a punições oficiais como transgredir uma lei, mas nos inquieta, faz com que nos sintamos como peças fora do jogo social comum, e dificilmente essa situação é tolerada com tranquilidade. É mais fácil assumir que as coisas são assim.

Quanto à educação infantil especificamente, os pais temem que se perca tempo com seus filhos quando poderiam desde muito cedo iniciar a aprendizagem que necessitarão para cumprir os fins antes expostos e chegar com facilidade à universidade e ao mercado de trabalho.

A felicidade é tomada como um adorno que pode ser prorrogado, uma recompensa que poderá ser alcançada depois desses longos anos em que se faz o que tem que ser feito. Desviar-se disso é traçar um caminho impreciso que não irá garantir aprendizagem, que não assegurará a qualidade de ensino necessária e que conduzirá a um destino incerto.

ROGER HANSEN

Não podemos descartar as situações em que esses temores se justificam, com propostas julgadas alternativas, mas que carecem de um conhecimento adequado da criança pequena e da educação infantil, e acabam criando um programa que rompe com o modelo que acabamos de expor, mas que, em troca, não oferece nada melhor.

Feita essa ressalva, não podemos concordar com a forma utilitarista de pensar a educação e a pedagogia infantil. Não apenas porque pensamos de outra forma, mas porque temos motivos sólidos para isso.

Em primeiro lugar, quando falamos do que fazer e do que não fazer com a criança pequena, não se trata de uma escolha ou opção arbitrária. Partimos de uma concepção do desenvolvimento do ser humano. É essa concepção que pretendemos expor – ao menos em linhas gerais – em seguida e tomá-la como um ponto de partida fundamental.